

Bacurau

Rosane Muller Costa¹, Fortaleza

RESUMO: Certas obras de arte podem ser consideradas como uma produção do inconsciente, como um sonho, capaz de dar representação a uma realidade psíquica, que ultrapassa a de seu autor alcançando uma verdade universal, enquanto estimulam o pensamento e o sonho do ser humano comum. É dessa perspectiva que o filme Bacurau (2019) de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles é concebido em seu rico simbolismo, sendo o presente artigo um exercício de busca de sentido pelo viés da psicanálise. A abordagem do racismo, do nazismo, a descrença nos governantes, a violência, o consumo de drogas, o preconceito do sul em relação aos do norte e os traumatismos que essa forma de organização social produzem são tematizados ao longo da narrativa fílmica. Alguns comentários desses aspectos são efetuados à luz dos conceitos de pulsão de morte, narcisismo negativo, falha no processo de simbolização.

PALAVRAS – CHAVE: Bacurau, narrativa fílmica, psicanálise, pulsão de morte, narcisismo negativo.

Os comentários a seguir são uma visão parcial e aberta à discussão do que consideramos ser uma obra de arte, tendo por base o pensamento freudiano de 1908 sobre os escritores criativos, os estudos do psicanalista britânico Ronald Britton (1997, 2003) e do filósofo francês, professor de política e estética, Jacques Rancière (2009).

Afirmamos que um certo conhecimento sobre a subjetividade é passível de ser alcançado pela via da experiência estética, à medida que a arte dá expressividade a aspectos humanos que se distanciam da lógica consciente, racional. Dessa perspectiva a criação artística é uma produção

1. Membro Efetivo com funções didáticas da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza – SPFOR.

como o sonho do seu criador, que ao captar algo do seu inconsciente e transpor para seu trabalho torna possível a representação de uma verdade não apenas sua, mas de uma amplitude passível de múltiplas leituras e interpretações, tanto atuais e pessoais, quanto atemporais e universais. É assim que a história escrita e dirigida para o cinema pelos pernambucanos Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles é uma provocação ao pensamento, um estímulo ao sonho, desde o título de “Bacurau”.

Que estranha palavra é essa: Bacurau? Na película é o nome de um povoado no agreste pernambucano e de um pássaro, como dizem seus habitantes, a certa altura da narrativa fílmica. A ave notívaga, que os do norte chamam de Bacurau, tem um canto impossível de não ser ouvido, quando rompe o silêncio da noite em uma cadência, que nos faz esperar pelo próximo ruído. Suscita o trágico, o passar do tempo, a morte e todos os demônios da escuridão.

Na mitologia nordestina bacurau é um bicho-papão invocado para meter medo nas crianças, fazê-las obedecer. Personificado como um homem horrendo, sua feiura fala de uma maldade terrível. Bacurau para nome de cidade deve funcionar como uma espécie de gárgula, aquelas figuras monstruosas, gigantescas, postadas no alto das igrejas góticas, eternas sentinelas a examinar os espíritos dos mortos e dos vivos, pois somente os bons têm passagem.

Somos, no início do filme, levados até o vilarejo, verdadeiro protagonista da história, pelas estradas quentes de barro, viajando na boleia de um caminhão pipa, transportando água como a própria vida no mar de arbustos e cactos do entorno. A morte ronda, à medida que deixamos a civilização e adentramos às profundezas do nordeste. Subitamente, topamos com caixões-de-defunto no meio do caminho, caídos de outro caminhão. Impressiona o fato de estarem lá expostos como monumentos à fatalidade. Na sequência, encontramos um morto por acidente, estendido na estrada e mais adiante somos surpreendidos com tiros na direção do motorista do caminhão e de sua passageira, para afugentá-los, quando do alto de uma colina observavam uma construção pública inacabada como as promessas

enganosas.

Chegamos, finalmente, ao nosso destino, uma cidadela no meio do nada, típica vila nordestina. Uma rua principal liga ruazinhas com casas simples, uma escola, um bar, uma igreja e um museu, onde os moradores guardam, orgulhosamente, suas memórias. Esse vilarejo existe, chama-se Barra e localiza-se no Sertão do Seridó no estado do Rio Grande do Norte. As ruas de Bacurau estão vazias, mas não é pelo calor, nem por ser domingo, é porque todos estão reunidos no velório de uma figura importante na região que viveu por 94 anos. A passageira do caminhão, sua neta, está vindo para o enterro da avó trazendo uma malinha vermelha, que a comunidade passa de mão em mão sobre as cabeças na multidão do velório. Na malinha estão vacinas, outro elemento precioso, além da água nas comunidades carentes.

O discurso de homenagem à falecida, feito pelo filho, proclama, que a matriarca gerou doutores, trabalhadores modestos, cafetões e prostitutas, nenhum ladrão. Esses signos da violência – caixões, corpos, velórios, enterros, armas e ladrões – nos colocam direto no clima da história. São cenas do cotidiano das cidades do interior nordestino, onde se morre muito por bala e doença. Se morre pelo descaso dos governantes de hoje e de sempre. O descaso é uma violência silenciosa, disfarçada e por isso muito mais disruptiva, produtora de traumatismos. A psicanálise pós-freudiana tem se desenvolvido na linha de um trabalho de pesquisa, onde a importância do real e seu peso traumático é cada vez mais reconhecida e valorizada.

Essas cenas da violência, ultimamente, se intensificaram nos noticiários televisivos, são a realidade da nossa vida diária em qualquer cidade brasileira, embora pareçam nas mídias tão distantes quanto um filme de terror ou *western* americano. Mais algumas cenas do filme e descobrimos outra similitude com o nosso tempo, os habitantes de Bacurau se drogaram pesadamente com álcool e entorpecentes. Não só os homens, as mulheres jovens também. Etimologicamente a palavra assassino provem de fumador de haxixe, uma alusão a associação ancestral entre a criminalidade e as drogas.

No dia seguinte ao velório a rotina é retomada, os feirantes se aglomeram na rua principal, enquanto ao microfone as ofertas do dia são gritadas. A população é na maioria de negros, velhos, crianças, pessoas queimadas do sol parecendo mais velhas, algumas muito magras, outras obesas. As prostitutas fazem seu trabalho, as crianças vão à escola. Tudo em perfeita harmonia. É quando surge um personagem masculino que será central à trama, uma espécie de justiceiro desejoso de largar o posto. Seus feitos registrados em vídeo são vistos e comentados no vilarejo com admiração. O matador é seguido pelo atual prefeito em campanha eleitoral. O povo, contudo, foge dele fechando-se em suas casas, sugerindo acontecimentos passados, que justificam essa conduta. Percebe-se, então, uma inversão alarmante: o matador é recebido com respeito e o político como um perigo.

Quando não é possível resolver as questões da coletividade pelo exercício da cidadania, impera a violência e seus derivados. Onde a violência é liberada, o impulso sexual e o consumo de drogas, igualmente o são, de maneira que durante algum tempo tudo parece estar em equilíbrio, embora à beira do caos. O prefeito vem trazer “presentes”, examinados cuidadosamente pelos locais. São remédios e alimentos com data vencida, psicotrópicos vendidos sem receita médica com grande poder para causar dependência, livros despejados na porta da escola como lixo. Tudo feito com aparência de coisa boa, tudo feito para enganar a população que percebe atônica, porém, contida e calada, a grande mentira onde estão enredados.

A partir daí acontecimentos intrigantes se desenrolam. No meio da noite, a cidade é acordada por cavalos em disparada, são os cavalos de uma fazenda próxima. Na manhã seguinte, enquanto dois homens levam de volta os cavalos, o caminhão pipa chega crivado de balas, com a preciosa água escorrendo pelos buracos. Uma nave espacial diminuta sobrevoa a região, na verdade, um drone espião. Tudo fica mesmo intrigante quando dois motoqueiros, com motos e roupas parecendo vir de outro planeta ou de uma época no futuro, entram na vila. O contraste é imenso, de um lado a pobreza e a simplicidade do começo do século passado, quiçá da idade

média, e de outro os habitantes do futuro ou do espaço sideral. Coisas da pós-modernidade que reúne lado a lado culturas e épocas diferentes.

Depois descobrimos que os dois motoqueiros são um homem e uma mulher quando tiram o capacete, a mulher primeiro, como se para tranquilizar os nativos. Ela, contudo, é a mais feroz da dupla, o sexo feminino identificado com a fragilidade é usado como disfarce para surpreender a vítima. Eles estão em missão, vieram cortar as comunicações por celular da cidade, valioso e necessário artefato moderno. Comunicação é tudo hoje em dia!

Os dois homens, que foram devolver os cavalos, se deparam com uma chacina na fazenda, verdadeiras imagens do terror. Fogem do local e cruzando com os motoqueiros são mortos por eles. Seguimos com estes até uma bela mansão colonial onde somos apresentados a um grupo de americanos liderados por um alemão. As coisas começam a fazer sentido na ausência de nexos do grupo. Eles são amantes das armas e estão em uma competição esportiva, sendo filmados e recebendo ordens por aparelhos conectados aos seus ouvidos. Tudo muito avançado em tecnologia e primitivo emocionalmente. Estão ali matando por prazer e serão premiados por isso. Comentam os assassinatos na fazenda como um grande feito. Nem tudo, porém, está em conformidade com as expectativas do grupo. Assim, quando em uma reunião a dupla de motoqueiros é questionada sobre os homens mortos por eles, suas respostas dão voz ao não dito. O casal fala alguma coisa como: “nós não somos como eles (os habitantes de Bacurau). Somos como vocês, vivemos no sul e somos filhos de alemães e italianos”. Os estrangeiros, no entanto, discordam, eles são tão negros, quanto qualquer negro e por isso são condenados e mortos. O código dos assassinos diz para não matar os seus, só o diferente, em especial os negros e pobres, tidos como sub-humanos.

A essa altura da película fica patente que o objetivo do grupo é o genocídio dos negros, estes identificados com o povoado de Bacurau, que de tão típico nos faz estender para toda a região nordeste e também para todos os negros e humildes de todos os lugares do planeta. Nesse sentido,

o filme Bacurau se antecipou em alguns meses, quase premonitória-mente, ao assassinato do negro George Floyd, na cidade de Minneapolis (EUA), morto asfixiado por um policial branco. O acontecimento registrado e difundido globalmente deu visibilidade ao racismo, escancarando o prazer sádico que premia o extermínio do negro por ser negro. Desse modo, o filme dos diretores pernambucanos revela a face demoníaca do preconceito. O diferente do americano e europeu rico e branco é tido como inferior devendo ser eliminado. Em verdade, esse é o pretexto de sempre para o exercício do ódio e da selvageria. É sugerido ainda um genocídio encoberto como uma cultura que promove a morte, a fome, o abandono de crianças, a pilhagem do outro.

O consentimento da violência é uma patologia grave, onde quer que se encontre, seja em que população do planeta. É uma ameaça à civilização como o mestre vienense afirmou. Então, Bacurau, que reprimia sua violência, é levada em sendo atacada a chamar de volta seu membro louco, sádico e criminoso, banido tempos atrás. Ele, em uma cena tragicômica, louva seu retorno, pois estava faminto, tinha fome de matar. Talvez essa cena faça alusão à questão de que a repressão da agressividade e seu corolário, a violência, pode ser efetuada, mas não sem sofrimento, em conformidade com a natureza conflitiva do aparelho psíquico. O louco criminoso, então, prepara a defesa da cidade cavando no meio da rua principal e descobrindo um espaço ali existente, um quarto ou túnel subterrâneo. Como a barreira da repressão rompida, o espaço aberto anuncia a liberação da destrutividade.

O clímax da tragédia surge então, descortinando a face do mal. Uma das crianças, que brincava no escuro usando uma máscara de bacurau, encontra um deles, um dos estrangeiros, que não hesita em matá-la. Seu comparsa dá-se conta de que o outro foi longe demais matando uma criança, porém o líder alemão fica do lado do assassino aceitando o argumento de que era um adolescente armado. Essa é a “des-culpa” usual para a matança de crianças e jovens em nosso meio. Nesse momento, o alemão é chamado de nazista, fica alterado e responde que está há mais de quarenta

anos nos Estados Unidos, querendo dizer com isso que já é americano. O nazismo, com efeito, apagou seu nome e mudou de lugar, se encontra agora no hemisfério norte do continente americano.

Nesse ponto, o conceito de pulsão de morte pode esclarecer fenômenos como o nazismo, o racismo, o assassinato brutal de jovens, a formação de milícias e quadrilhas que agem com crueldade. Green (2010) lembra que a introdução desse conceito aconteceu tardiamente na obra freudiana, levado por uma imposição da clínica como a necessidade de compreender os fundamentos das psicopatologias, bem como os fatores determinantes do surgimento de certos acontecimentos culturais presentes e passados. Na compreensão do que Freud (1920; 1980) designa por pulsão de morte devem ser levados em consideração os fatores associados ao narcisismo e à destrutividade, bem como a existência do conflito pulsional, como a luta entre as pulsões de vida ou Eros e as pulsões de morte. Onde essa luta não é demasiadamente acirrada, Eros amansa a pulsão de morte predominando o intrincamento pulsional.

Se o representante das pulsões de vida é a função sexual, assinala Green, o representante da pulsão de morte é, na teoria freudiana, a autodestruição, sendo a heterodestrutividade, uma manobra secundária constituída pela tentativa de aliviar as tensões internas causadas pela ação da pulsão de morte. Há, no entanto, formas de destrutividade que não correspondem a intrincação pulsional da libido com a pulsão de morte, tal como nas estruturas de personalidade narcísicas, nos casos-limite, nas neuroses graves e neuroses de caráter. Nesses quadros o mecanismo psíquico dominante, assinala Green, é o “luto insuperável e as reações defensivas que ele suscita”, ou seja, a violência na forma da destrutividade dirigida ao outro é uma estratégia para lidar com uma situação de perda impossível de ser elaborada.

Podemos levantar a hipótese de que as atitudes do grupo, que visam destruir os habitantes de Bacurau nas circunstâncias que o fazem, ou seja, como uma competição pelo primeiro lugar no número de mortes, baseiam-se em uma patologia como uma forma grave de melancolia,

manifesta na satisfação da pulsão de morte acompanhada por alto grau de prazer narcísico ao presentear o Eu com a realização de primitivos desejos de onipotência. Matar produz neles, manifestamente, a sensação de júbilo, vitória sobre o objeto destruído, o objeto destituído de sua subjetividade.

Próximo ao desfecho da película, assistimos ao ataque em massa à comunidade, que escondida, aguarda o momento de contra-atacar. Está sob o efeito de poderosa droga distribuída ao povo como a hóstia sagrada aos fiéis. Os assassinos não se drogam, não necessitam da droga como recurso que suspende ou flexibiliza, temporariamente, as repressões. Eles não são constituídos por repressões, mas por aspectos outros tais como o que Green entende por narcisismo negativo, aspiração ao nível zero de tensão. A expressão da função desobjetalizante da pulsão de morte, que efetua desligamentos, desinvestimentos, é responsável pela destruição do próprio processo objetalizante, não só do objeto em si. É assim que vemos o líder do grupo agressor atirar contra tudo que se move e parece ter vida, até mesmo contra seus comparsas, em uma demonstração concreta do que seja a função desobjetalizante. Por fim, é impedido de suicidar-se pela visão alucinatória da matriarca morta e enterrada há pouco na cidade. Ela parece ser o elemento de vida, que se contrapõe à fúria narcísica autodestrutiva, embora não seja registrada como um pensamento, mas como uma percepção. Podemos supor, com Roussillon (2013), a existência de graves falhas no processo de simbolização, incrementando a força desobjetalizante da pulsão de morte. O predomínio de Eros, por outro lado, estimula as capacidades de simbolização, ou seja, de pensar, de criar, de transformar.

Retornando ao filme, o grupo agressor leva a pior e acaba por ser morto pelo povo da cidade. Um deles é atingido dentro do museu, depois de tomar conhecimento de uma parte da história do sertão, a existência dos cangaceiros, bandidos nômades e insurgentes, habitantes da caatinga na primeira metade do século passado. O povo de Bacurau tinha sua história de lutas, afinal, há quinhentos anos vivia em solidão. Para finalizar descobre-se tudo, tendo sido uma armação do prefeito juntamente com os estrangeiros para eliminar a população. Ele é, na realidade, um dos

demônios da escuridão. O líder dos assassinos é enterrado vivo dentro do compartimento subterrâneo sob a rua principal, o que dá a ideia de algo que se sujeita à repressão, ainda mais quando podemos ouvi-lo dizer que “isso é só o começo”. O retorno do recalcado ou do cindido, a repetição do mesmo, mais cedo ou mais tarde acontece. O político, contudo, é deixado à sua sorte para morrer na caatinga, vestindo a máscara de bacurau que deixa transparecer sua verdadeira natureza, a face do mal.

Esses são alguns aspectos da narrativa fílmica selecionados entre muitos outros de um rico simbolismo. Bacurau, como os indivíduos traumatizados, privados do essencial, enganados e abusados pelos pais/governantes, é atravessado pela pulsão de morte, mas em conservando suas memórias, sua história, está melhor habilitado a sobreviver do que aqueles que apagaram seu nome e suas referências de origem.

BACURAU

ABSTRACT: Certain works of art can be considered as a production of the unconscious, as a dream, capable of giving representation to a psychic reality, which surpasses that of its author reaching a universal truth, while stimulating the thought and the dream of the common human being. It is from this perspective that the film *Bacurau* (2019) by Kleber Mendonça Filho and Juliano Dornelles is conceived in its rich symbolism and the present article is an exercise in the search for meaning through the psychoanalysis bias. The approach of racism, Nazism, disbelief in government, violence, drug use, prejudice from the south in relation to those in the north and the traumas that this form of social organization produces are themed throughout the film narrative. Some comments on these aspects are made in the light of the concepts of death drive, negative narcissism, failure in the symbolization process.

KEYWORDS: *Bacurau*, film narrative, psychoanalysis, death drive, negative narcissism.

BACURAU

RESUMEN: Ciertas obras de arte pueden ser consideradas como una producción del inconsciente, como un sueño, capaz de dar representación a una realidad psíquica, que sobrepasa la de su autor alcanzando una verdad universal, al tiempo que estimula el pensamiento y el sueño del ser humano común. . Es desde esta perspectiva que la película *Bacurau* (2019) de Kleber Mendonça Filho y Juliano Dornelles se concibe en su rico simbolismo y el presente artículo es un ejercicio de búsqueda de sentido a través del sesgo del psicoanálisis. El abordaje del racismo, el nazismo, la incredulidad en el gobierno, la violencia, el consumo de drogas, los prejuicios del sur en relación con los del norte y los traumas que produce esta forma de organización social son temas a lo largo de la narrativa cinematográfica. Algunos comentarios sobre estos aspectos se hacen a la luz de los conceptos de pulsión de muerte, narcisismo negativo, fracaso en el proceso de simbolización.

PALABRAS CLAVE: *Bacurau*, narrativa cinematográfica, psicoanálisis, pulsión de muerte, narcisismo negativo.

REFERÊNCIAS

- Britton, R. (1997). Realidade e Irrealidade na Fantasia e na Ficção. In *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol XXXI (4): 865 – 887.
- Britton, R. (2003). Devaneio, Fantasia e Ficção. In *Crença e Imaginação: Explorações Psicanalíticas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1908). Escritores criativos e devaneio. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago. 1980.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do Prazer. In *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago. 1980.
- Green, A. (2010). Pulsão de Morte, Narcisismo Negativo, Função desobjetalizante. In *O Trabalho do Negativo*. Porto Alegre: Artmed.
- Rancière, J. (2009). *O Inconsciente Estético*. São Paulo: Editora 34.
- Roussillon, R. (2013). Teoria da simbolização: a simbolização primária. In *Elasticidade e Limite na Clínica Contemporânea*. Luiz Claudio Figueiredo, Bianca Bergamo Savietto, Octavio Souza (Orgs). São Paulo: Escuta,.